

Um ano para esquecer... ou não!

Mais do que apresentar aos leitores uma síntese das principais reportagens, entrevistas e temas abordados ao longo deste ano, a Retrospectiva 2015 da revista Siderurgia Brasil é um convite à reflexão sobre o que mudou ao longo dos últimos 12 meses marcados pela crise no Brasil. Se é que alguma coisa mudou, não é mesmo? Confira!

Marcus Frediani

Dois mil e quinze se despede sem deixar saudades. Emblematizado como o "ano do desencanto", em algum momento do qual um divisor de águas imaginário nos catapultou de volta ao estágio de nação subdesenvolvida (sub-BRIC?), na verdade, foi muito mais o ano da explosão da bolha de incompetência do atual governo, num processo iniciado naqueles imediatamente anteriores. Portanto, não foi nada que aconteceu de uma hora para a outra: ao contrário, foi algo bastante previsível à medida que a temperatura da panela de pressão da política – assolada por um sem número de denúncias de corrupção – e da economia aumentava, sem que houvesse a mão providencial de alguém para diminuir a chama do fogão. E deu no que deu.

E já que falamos em "temperatura", parece-nos legítimo dar continuidade à metáfora e dizer que um dos "termômetros" mais espertos recorrentes a registrar tal acúmulo de "graus Celsius", foi, sem dúvida, a revista Siderurgia Brasil. Sim, porque nas páginas de cada uma de nossas edições deste ano acompanhamos e retratamos em instantâneos cada

uma das etapas desse "aquecimento global", que culminou com a tal ruptura anunciada de 2015.

Durante os últimos 12 meses, todas (ou quase todas) as promessas de que o Brasil havia deixado para trás a pecha de "país do futuro", para contemplar os brasileiros com a dádiva de viver num "país do presente" ruíram de maneira estrondosa com a volta da recessão, da inflação de dois dígitos, com as projeções cada vez mais negativas do PIB e com um cenário de perspectivas que, ao que tudo indica, não encontra alento de melhoras ao longo de 2016, criando, apenas, a expectativa de um período de especulações complicado em nosso horizonte próximo, que, oxalá, possa ser exorcizado o mais rapidamente possível. Esse é nosso mais sincero desejo.

analista do setor de siderurgia da Tendências Consultoria Integrada, Felipe Beraldi, publicada na primeira edição do ano da revista, a de Nº 110, com o título explícito que você lê na retranscrição deste comentário. Nela, de maneira brilhante e precisa, Felipe fez a análise da situação e das perspectivas da indústria, na qual registrou que não vislumbrava nenhum alento positivo, em termos setoriais, que se refletisse na demanda por produtos siderúrgicos no Brasil.

ATENTOS AO MOVIMENTO

Na mesma edição, o cenário de ajustes em múltiplas instâncias proposto pelas circunstâncias já bastante visíveis no início do ano, já deixava mornas as expectativas de crescimento para o setor de construção metálica no país. Embora o nível técnico dos fornecedores e da engenharia brasileira nesse campo não deixasse nada a dever àqueles de padrão internacional – como, aliás, ainda continua não deixando –, César Bilibio, novo presidente da Associação Brasileira Construção Metálica (Abcsm), deixava claro o cenário de dificuldades que se interpunha à evolução do setor no Brasil.



EDIÇÃO Nº 110 Março/2015

SEM MOTIVOS PARA OTIMISMO

O "climão" que iria imperar ao longo de 2015 começou a ser desenhado já a partir da instigante entrevista concedida pelo

www.siderurgiabrasil.com.br

rem pleiteando a renegociação de suas dívidas, e os escândalos como o do 'petrolão' estarem golpeando insistentemente um governo já bastante enfraquecido, listaram em entrevista exclusiva à edição Nº 112 da SB a docente Leila Rocha Pellegrino, economista e professora da Universidade Mackenzie de Campinas, e o professor Antonio Corrêa de Lacerda, doutor em Economia e sócio principal da ACLacerda – Consultores Associados.

debate e acelerar a promoção de mudanças urgentes e mais do que necessárias para gerar o crescimento do mercado interno de forma sustentável, bem como a correção estrutural das assimetrias competitivas. Paralelamente, lançou as bases de uma defesa comercial eficiente e da utilização efetiva do instrumento do conteúdo nacional. Como não poderia deixar de ser, o Congresso ganhou destaque no Nº 113/114 da Revista Siderurgia Brasil.

competitividade sistêmica, somadas ao recorrente entrave ocasionado pelo enorme excedente de aço produzido no planeta, ele aproveitou a ocasião para fazer um mais que bem-vindo chamado ao bom senso – não só seus pares da indústria nacional como um todo, bem como o governo brasileiro –, acerca da inequívoca necessidade de se realizarem mudanças urgentíssimas, a fim de que o país recupere sua competitividade perdida e volte a trilhar a vereda do desenvolvimento.



EDIÇÃO Nº 113/114 Junho-Julho/2015

UM ENCONTRO PARA FICAR NA HISTÓRIA

Diante do panorama adverso da economia, o 26º Congresso Brasileiro do Aço & ExpoAço 2015, realizado no mês de julho, em São Paulo, foi, seguramente, o evento mais relevante e completo ligado ao setor siderúrgico este ano. Reunindo perto de 4.000 profissionais da cadeia do aço, ele buscou fomentar o

debate e acelerar a promoção de mudanças urgentes e mais do que necessárias para gerar o crescimento do mercado interno de forma sustentável, bem como a correção estrutural das assimetrias competitivas. Paralelamente, lançou as bases de uma defesa comercial eficiente e da utilização efetiva do instrumento do conteúdo nacional. Como não poderia deixar de ser, o Congresso ganhou destaque no Nº 113/114 da Revista Siderurgia Brasil.

competitividade sistêmica, somadas ao recorrente entrave ocasionado pelo enorme excedente de aço produzido no planeta, ele aproveitou a ocasião para fazer um mais que bem-vindo chamado ao bom senso – não só seus pares da indústria nacional como um todo, bem como o governo brasileiro –, acerca da inequívoca necessidade de se realizarem mudanças urgentíssimas, a fim de que o país recupere sua competitividade perdida e volte a trilhar a vereda do desenvolvimento.

RETROSPECTIVA

ao lado da análise imparcial das informações, sempre foi uma de suas marcas registradas –, na mesma edição Nº 111, a Siderurgia Brasil trouxe dois "refrescos", por assim dizer, para servir de motivação aos seus leitores. O primeiro foi uma estimulante entrevista com o empresário Mario J. Silva Filho, diretor da JG Arames, respeitado player do setor de arames próximo a completar 23 anos de sólida atuação no mercado, na qual ele dava conta da mudança de perfil de atuação da companhia. Como? Bem, em função de pesados investimentos realizados ao longo dos últimos anos – sobretudo para o aperfeiçoamento de seu parque industrial –, a empresa, já no mês de março de 2015, já dizia estar bastante segura para alçar voos mais altos, buscando a especialização na oferta de produtos diferentes. "Para fugir do 'arroz com feijão', nosso foco é melhorar o resultado e a produtividade", enfatizou Mario, no texto.

COACHING E QUALIDADE DE VIDA

Com a mesma proposta de turbinar a produtividade, outro sopro de alento lançado sobre o mercado pela Revista na SB Nº 111 foi a entrevista com José Roberto Marques, master coach senior e presidente do Instituto Brasileiro de Coaching (IBC). "Pessoas, profissionais e empresas: todos precisam de suporte ao desenvolvimento contínuo e, hoje não é mais segredo que, por meio de processos de coaching, todos podem ser mais efetivos no alcance de suas metas e objetivos planejados", explicou o especialista, en-

tre muitas outras coisas, desvendando alguns mistérios sobre o tema: que está diretamente ligado ao processo de aceleração de resultados, ao desenvolvimento de habilidades, ao autoconhecimento e, ainda, à reafirmação das crenças e valores individuais das pessoas.

EDIÇÃO Nº 112 Maio/2015

BRINCADEIRA DE MAU GOSTO

Um artigo, em especial, chamou muito a atenção dos leitores da edição Nº 112 da revista Siderurgia Brasil. Escrito de forma contundente e reveladora pelo empresário contábil e presidente do Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis e de Assessoramento no Estado de São Paulo (Sescon-SP) e da Associação das Empresas de Serviços Contábeis (Aescon-SP), Sérgio Approbato Machado Júnior, ele tocou no tema nevrálgico da utilização do aparato do aumento dos impostos para promover o acerto das contas públicas. Já no título do texto, "A Brincadeira da Desoneração", ele contrapôs o paradoxo – e, porque não dizer, descontrolo de objetivos – de um governo que, há alguns anos alardeou a implantação de um programa de desoneração, com o intuito de desenvolver a economia e manter baixas as taxas de desemprego, e que, naquele momento, sob a égide de um ajuste fiscal, passava a desconstruí-lo com o aumento de diversas alíquotas, o que, na prática, eliminava benefícios e

institucionalizava, mais uma vez, a caridade com o bolso alheio.

REVISANDO PARA BAIXO

A pã de cal na desoneração, entre outros aspectos e circunstâncias desmotivadoras, levou todo mundo, naturalmente, a reverter, para baixo, suas previsões de negócios para o ano de 2015. Esse foi o caso do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos (Sindisider), que, junto aos distribuidores associados ao Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda), revisou suas projeções anteriores, anunciando que, este ano, o mercado brasileiro de aço deveria sofrer uma redução de 5% em relação a 2014. A revisão foi registrada em reportagem também na edição Nº 112 da Siderurgia Brasil. Bem, queda houve. Resta saber, na leitura dos próximos capítulos, se ela bateu "apenas" nos 5%.

BECO SEM SAÍDA

Na toada do anúncio do ajuste fiscal, em meados de 2015, a economia brasileira buscava alternativas urgentes para se recuperar. Porém, a luta contra as adversidades já se revelava mais dura do que se podia imaginar. Uma das principais causas do problema: o longo dos últimos anos, o governo desenhou uma série de programas sociais, porém, o gasto público com a cessão desses benefícios à população cresceu numa velocidade maior do que a economia. "E o pior é que a esse problema, muitos outros estão se somando, como o aumento dos pedidos de benefício do Seguro Desemprego, o fato de inúmeras prefeituras pelo país esta-

da proposta que automatiza a estandarização de uso da tal "dupla do barulho".

EDIÇÃO Nº 111 Abril/2015

SÓ AS EXPORTAÇÕES SALVAM

Um balanço da produção e das vendas do setor automotivo no primeiro trimestre de 2015, assinado pela Anfavea e divulgado imediatamente na edição Nº 111 da Siderurgia Brasil, já anunciava que o mercado deveria sofrer "significativas reduções" ao longo do ano. A boa notícia, era que, talvez, as exportações desses

itens pudessem ser beneficiadas por uma leve recuperação, previsão que, efetivamente, se materializou, de acordo com os resultados parciais do ano, divulgados pela entidade no início do mês de novembro, fato que, aparentemente, não serviu muito de estímulo para o presidente da Anfavea, Luiz Moan Yabiku Junior, comemorar: "A confiança continua abalada, os cenários políticos e econômicos seguem em ajustes e os estoques ainda se mostram elevados", comentou ele em comunicado emitido à imprensa na ocasião.

FUGINDO DO "ARROZ COM FEIJÃO"

Mas, com o objetivo precípuo de positivar o mercado – que,



www.siderurgiabrasil.com.br

DUPLA DO BARULHO

Nesse contexto de descompasso, a edição Nº 110 da Siderurgia Brasil discutiu, ainda, a eficácia da aplicação do remédio "genérico" do aumento dos juros e do dólar, utilizado sempre – e de forma um tanto indiscriminada – para combater os malefícios "alheios à vontade" do governo, que contaminam e derrubam qualquer economia, tais como o aumento da inflação. Vários especialistas se manifestaram na reportagem, e a conclusão que se tirou é que interpretar benefícios e malefícios dessa prática depende do referencial. Ou seja, de onde exatamente a gente se encontra na cadeia econômica. Mas, no geral, o viés foi de crítica à combinação